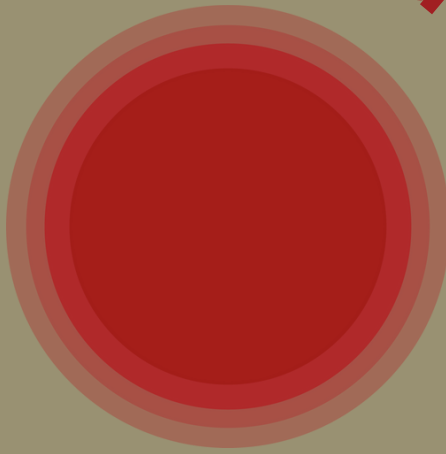
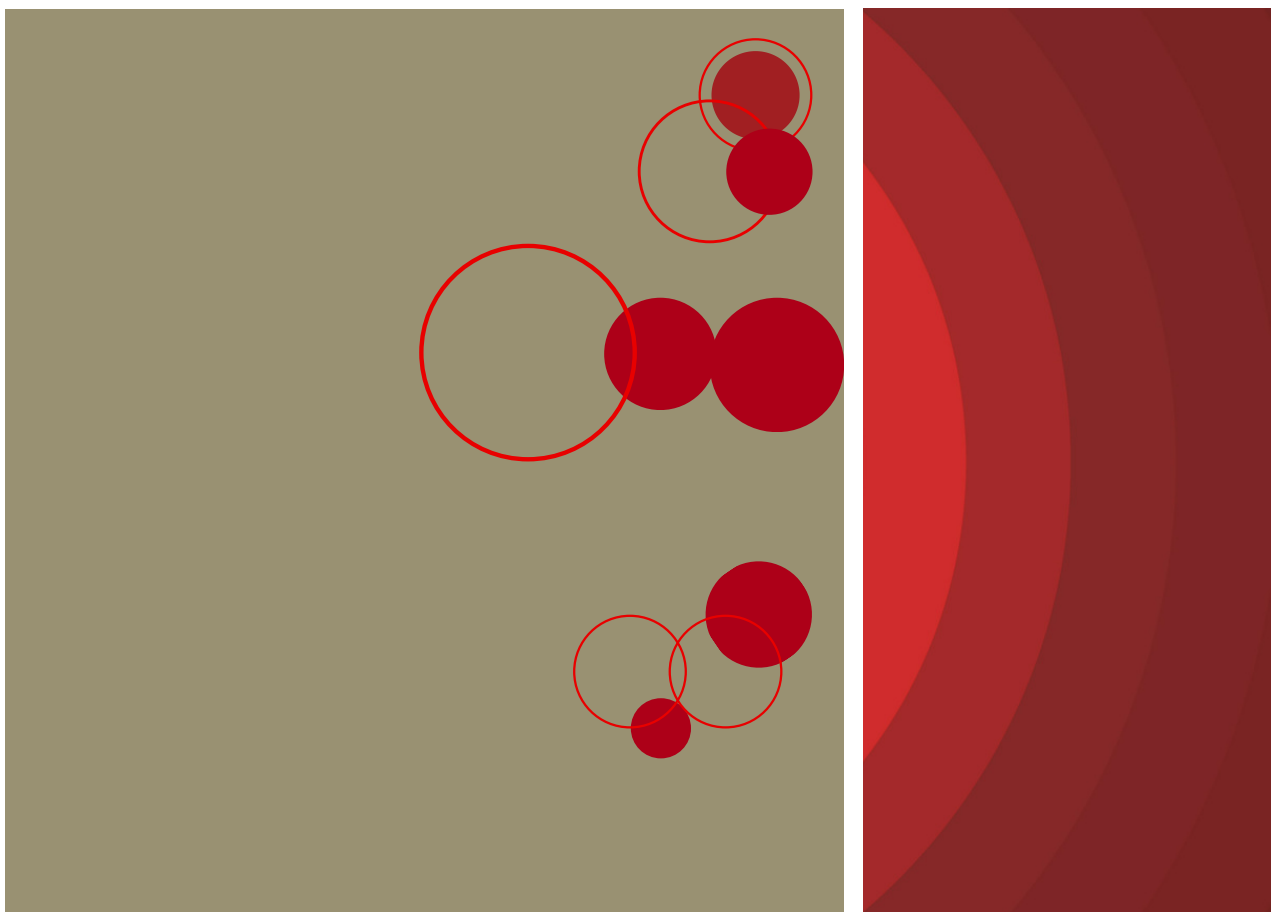


entrevista





entrevista: como é produzir o *mundaréu*, um podcast de antropologia?

escrito por Luísa Nascimento [1], Raissa Almeida de Magalhães [2] e Soraya Fleischer [3]

DOI 10.29327/226154.2.1-3

O *Mundaréu* é um podcast de Antropologia produzido pelo Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (UnB) e pelo Laboratório de Estudos Avançados de Jornalismo Científico da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) [4].

[1] Graduanda no 7º semestre no curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Universidade de Brasília. Integrou, no ano de 2020, o *Mundaréu*, um projeto de extensão, docência e pesquisa. Estagiária na Ouvidoria Nacional dos Serviços Penais, Ministério da Justiça. E-mail: nascimento_@outlook.com.

[2] Graduanda no 4º semestre no curso de Ciências Sociais pela Universidade de Brasília. Participante do *Mundaréu*, um projeto de extensão, docência e pesquisa. Bolsista no Programa de Iniciação Científica em Desenvolvimento Tecnológico sobre "Racismo Ambiental e povos tradicionais: análise socioambiental do Quilombo Mesquita por meio de mapeamento afetivo", na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/UnB. Agradeço à minha professora Soraya Fleischer pela orientação para realizar e editar esta entrevista, assim como pela simpatia e inspiração para que eu siga em frente em minha participação no *Mundaréu*. Agradeço aos meus colegas de equipe do *Mundaréu*, que me ajudaram na realização do roteiro de perguntas para a entrevista e com quem eu sempre posso contar, tanto em âmbito acadêmico quanto pessoal. E-mail: raissaam2001@gmail.com.

[3] Professora do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. E-mail: soraya@unb.br.

[4] MUNDARÉU: podcast sobre antropologia (2021).

O projeto, a um só tempo de ensino, pesquisa e extensão, é coordenado por duas professoras das duas universidades, Soraya Fleischer e Daniela Manica, respectivamente. A equipe é composta de estudantes de graduação e pós-graduação de ambas as universidades [5].

Ao longo de 2020, uma dessas estudantes foi Luísa Nascimento, à época graduanda em Ciências Sociais na UnB. Na equipe, ela contribuiu, por exemplo, para produzir episódios, organizar dados e experimentar o uso do podcast como um material didático. Para registrar a experiência de Luísa Nascimento na equipe do *Mundaréu* e para ajudar a receber e socializar novos membros, como Raissa Magalhães, decidimos que uma entrevista seria uma forma eficaz, criativa e acessível.

Esta entrevista foi realizada no dia 11 de fevereiro de 2021. A entrevista também traz dicas e curiosidades para pessoas que têm vontade de aprender mais sobre como produzir podcasts, como criar conteúdo midiático de áudio, como fazer divulgação científica, como circular pela podosfera etc.

Um roteiro de perguntas foi elaborado por Raissa Almeida de Magalhães e revisado por Soraya Fleischer e a equipe do *Mundaréu*. Em seguida, o roteiro foi enviado à entrevistada, Luísa Nascimento, como forma de prepará-la para o encontro e a conversa. A entrevista foi gravada pelo aplicativo de voz Discord, transcrita e editada, também com o apoio de Soraya Fleischer.

Raissa Almeida de Magalhães: Eu gostaria de conhecer um pouquinho de você. Qual seu semestre, seu curso, seu estágio?

Luísa Nascimento: Eu entrei no segundo semestre de 2017 na Universidade de Brasília. Eu tô agora no sétimo semestre da Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade de Brasília, mas vou pegar a dupla habilitação em Antropologia também. Em junho, vou completar dois anos de estágio na Ouvidoria Nacional de Serviços Penais que fica dentro do Departamento Penitenciário Nacional, do Ministério da Justiça. Lá, a gente trabalha lendo as cartas enviadas pelas pessoas que estão presas ou por aquelas que se relacionam com o sistema penitenciário. As cartas servem para encaminhar as demandas para os órgãos responsáveis. Tem umas paradas pesadíssimas no que você lê e o órgão também é responsável por fazer inspeção nas penitenciárias e tudo mais. Então, é muito revoltante, ainda mais quando você é da linha do abolicionismo penal, sabe? Tem muita gente que diz que prisão tem que existir, mas a gente nem pra pensar em outras formas, sabe? A Angela Davis, você já leu? [6] Ela fala muito nessa linha.

Raissa: Eu conheço um pouco, mas eu não li muito esta autora.

Luísa: Ela é tudo! Depois você lê um pouquinho dela, você vai gostar. E ela escreve muito bem, é muito bom de ler, rapidinho, é uma leitura de boas, não é igual a essas pesadonas que a gente lê e fala “Caramba, que chato!”.

Bom, voltando sobre o meu estágio. O máximo de tempo do estágio são dois anos. Então, já já eu saio. E eu ainda tô tentando me encontrar mais no curso de Ciências Sociais. Assim, ando pensando em que área quero me especializar. Essa pandemia e o EAD acabaram com tudo! Porque pra mim é muito necessário ter aula com contato, vida real mesmo, para eu continuar a me interessar ou então entender melhor assim o que se passa. Tá sendo difícil encontrar uma área agora, mas depois vai ser corre também...

[5] À época, a equipe do *Mundaréu* na UnB era composta de Ana Noronha, Arthur Ulhôa, Hugo Virgílio, Irene Chemin, Melissa Bevilaqua, Pedro Ribas e Raissa Magalhães. Antes, Julia Couto, Zane do Nascimento e a entrevistada, Luísa Nascimento, tinham composto a equipe também.

[6] DAVIS (2018).



[...] Acho que me encontrei na Antropologia no quarto ou quinto semestre [...]. Daí eu falei: “Gente, é isso!”. Dá pra você falar no formato que você quiser, tem muito mais formas de você apresentar uma pesquisa, por exemplo, e isso eu acho incrível. Dá liberdade para as pessoas se expressarem, que não é só um jeito que dá certo, que a pessoa vai conseguir pesquisar da melhor forma. (Luísa)

Raissa: Eu estou no quarto semestre.

Luísa: A Sociologia fala sobre democracia, instituições etc. A Antropologia, na minha opinião, tem uma abertura maior. Inclusive, acho que me encontrei na Antropologia no quarto ou quinto semestre, nesse semestre que você está. Daí eu falei: “Gente, é isso!”. Dá pra você falar no formato que você quiser, tem muito mais formas de você apresentar uma pesquisa, por exemplo, e isso eu acho incrível. Dá liberdade para as pessoas se expressarem, que não é só um jeito que dá certo, que a pessoa vai conseguir pesquisar da melhor forma. Eu acho babadeiro!

Raissa: Eu também gosto muito. E falando em Antropologia, como é que você ficou sabendo do *Mundaréu*?

Luísa: Eu estava atrás de um projeto para participar porque eu não participei de muitos projetos na graduação. Eu participei do Mundo CM [7]. Estive na Semana Universitária [8]. Daí, eu queria

[7] O “Mundo CM” é a Simulação do Sistema Colégio Militar do Brasil, um evento acadêmico que simula ambientes de organismos internacionais, fazendo com que os alunos aprendam a lidar com situações que envolvam diplomacia, política e relações internacionais, entre outros aspectos, seguindo um Modelo das Nações Unidas (MUNDO CM, [2021]).

[8] A Semana Universitária da Universidade de Brasília é um evento que reúne milhares de alunos, professores e a própria comunidade acadêmica em geral com o objetivo de oferecer atividades como palestras, oficinas, cursos, minicursos, rodas de conversa, cinedebates, workshops e exposições, em diversas áreas de conhecimento, como comunicação, cultura, educação, meio ambiente, saúde, direitos humanos, trabalho, tecnologia e produção, todos gratuitos e abertos ao público (CENTENÁRIO..., [2021]).

achar um projeto, alguma coisa pra eu fazer na graduação. E aí eu entrei no grupo das Ciências Sociais no *Facebook* e o Prof. Henyo Trindade, que é o Coordenador da graduação na Antropologia no Departamento de Antropologia (DAN) da UnB, postou sobre o *Mundaréu*. “Que tudo!”, eu pensei, porque foi bem na época em que eu comecei a escutar podcast também. Eu me inscrevi, fiz a entrevista e fui selecionada para a equipe.

Raissa: Então, a primeira vez que você ouviu falar do podcast foi pelas redes sociais?

Luísa: Foi no *Facebook*, no grupo de Ciências Sociais do *Facebook*, o “CASO Alerta” [9]. Nesse grupo, a galera fala sobre absolutamente tudo. Daí, eu sempre ficava de olho, ainda mais nessa época que eu queria muito me aproximar de um projeto.

Raissa: E você já gostava de podcast antes?

Luísa: Eu já tinha ouvido falar em podcast, só que, nessa época, foi um pouco antes de eu começar a escutar. Eu já escutava o “Ilustríssima” [10], falando sobre temas da Sociologia, e eu escutava outros podcasts voltados para História e Ciência Política também. Eram esses famosos de jornal, como o “Ilustríssima”, que é da Folha de São Paulo. Eu sempre assimilei melhor ouvindo do que lendo. Sou muito melhor pra aprender assim do que ficar lendo vários textos. Texto é importante também, claro, não vou falar que não, mas eu aprendo muito e memorizo muito mais escutando.

Raissa: Então, você ouvia podcast mais para conhecimento?

Luísa: Isso, exatamente.

Raissa: Tem alguns que são de piada, de humor.

Luísa: Tem, mais comédia. Depois também eu comecei a escutar o da Monja Coen [11], pra ficar de boas, meditativa, ela é tudo!

Raissa: Quando é que você entrou no Mundaréu?

Luísa: Foi antes da pandemia. Foi assim: a gente fez a entrevista nos primeiros dias de março e aí veio a pandemia.

Raissa: A entrevista foi com a Prof.^a Soraya e a Prof.^a Giovana Tempesta, ambas do Departamento de Antropologia, né?

Luísa: Isso!

Raissa: Participei também!

Luísa: A entrevista foi bem no dia em que ia fechar e a galera falou: “Será que vai fechar ou não vai?”. Aí, no outro dia, já não tava mais aberta a UnB.

Raissa: Pois é, ninguém imaginava que ia dar nisso.

Luísa: Né? Nossa Senhora, e estamos até agora assim.

[9] CASO é o Centro Acadêmico de Sociologia da UnB (ALERTA..., [2021]).

[10] “Ilustríssima”, podcast da Folha de São Paulo (ILUSTRÍSSIMA..., 2021).

[11] “Despertar Zen”, podcast da Monja Coen (DESPERTAR..., [2021]).

Raissa: E como você atuou no *Mundaréu*? Que atividades você fez?

Luísa: Bom, cada um fazia várias coisas, uma pessoa não fazia só uma coisa. No início, a gente escutou, revisitou todos os áudios das entrevistas da primeira temporada do *Mundaréu*. A gente escutou elas por inteiro porque no episódio mesmo, na versão editada, entram só uns 30, 40 minutos das entrevistas, do material bruto, como a gente diz. São as entrevistas que a Prof.^a Soraya, que coordena o *Mundaréu* na UnB, e a Prof.^a Daniela Manica, que coordena o projeto na Unicamp, tinham feito com os convidados do podcast. As conversas inteiras que, depois, editadas, viraram os episódios. Então, a proposta para a nossa equipe foi conhecer esse material e encontrar temas e histórias que gostaríamos de discutir em episódios feitos por nós, estudantes da equipe. A gente escutou tudo na íntegra e pegou partes para utilizar nos nossos episódios. A partir desse trabalho, nós criamos nove episódios e montamos a série do *Mundaréu*, chamada de “Mundo na sala de aula” [12]. Essa foi a primeira coisa que a gente fez. A gente tinha as reuniões, a Soraya falava destes objetivos do projeto e cada uma de nós fez um episódio. Cada uma escolheu um tema e outra pessoa da equipe para participar. Por exemplo, eu fiz um episódio e outra pessoa da equipe participou do meu. Tive uma dupla e fui a dupla de alguém, entendeu?

Raissa: Sim, que interessante essa parceria de duplas! E vocês escreviam o que vocês queriam falar no podcast?

Luísa: Isso! Exatamente, cada uma construiu um roteiro em cima de trechos e histórias que estavam contadas nas entrevistas que já existiam, de material em áudio que já existia nos arquivos do *Mundaréu* e que não tinham entrado nas versões editadas e publicadas dos episódios da primeira temporada.

Raissa: Que massa!

Luísa: Muito massa. Foi uma época de fazer e ajudar, eu fazia o meu roteiro e quem fazia a complementação e correção desse roteiro era a pessoa que era a minha dupla. Daí, eu fazia dupla com outra pessoa, daí eu corrigia o roteiro da pessoa. Depois, fomos implementar estes episódios na sala de aula de várias professoras da UnB, do DAN e de outros departamentos também. Cada professora sugeriu uma forma nova de usar os nossos episódios. Em algumas aulas, a gente fez atividades para a galera responder depois de ouvir o episódio. Ouvir na sala, ouvir em casa, ouvir depois, a gente propôs várias formas de usar o podcast. Em algumas aulas, a gente participou também, a gente foi lá conversar com a turma, contar como foi produzir o episódio, responder perguntas da turma.

Raissa: Muito massa!

Luísa: Sim, foi muito legal. Por exemplo, eu participei de uma aula com o Arthur Ulhôa, meu colega de equipe à época. Foi a disciplina de “Introdução à Antropologia”, oferecida pela professora Welitânia Oliveira Rocha, professora do DAN/UnB. A gente falou sobre mulheres na luta indígena, que é o episódio 5 do *Mundaréu*. A gente fez uma ligação entre a nossa série, “Mundo na sala de aula”, e o *Mundaréu*.

[12] Série “Mundo na sala de aula” (MUNDO..., [2021]).

Então, a gente fez esse episódio 5 conversar com o episódio 6 do “Mundo na sala de aula”, que foi feito pela nossa outra colega da equipe, a Irene Chemin [13]. Ela entrevistou o Fêtxa (Fêtxawewe Tapuya Guajajara), nosso colega das Ciências Sociais aqui na UnB também. Quer dizer, eu fiz o meu episódio, o Arthur fez o dele, mas nas aulas a gente poderia usar os episódios feitos por todo mundo da equipe, como foi o caso desse da Irene.

Antes da aula, a gente conversava com a professora da disciplina, procurava sugerir episódios que tinham relação com os textos que ela tivesse passado para aquela aula. Daí, no início da aula, a gente se apresentou, falou um pouquinho do projeto, dos podcasts, apresentou as atividades e depois foi conversando sobre os dois episódios. Fizemos uma discussão sobre questões indígenas na universidade. Daí, a gente relacionou esses dois podcasts, fez uma atividade e participou da aula. Então, foi muito legal. Deu também para ter um feedback sobre a experiência didática, porque a gente fez um questionário de avaliação para as estudantes da turma responderem depois. Quem queria, respondia. E foi tudo! A gente recebeu por escrito, mas na sala de aula deu para a galera falar tipo: “Achei tal coisa, gostei muito!”, “Não sei se dou muito certo com podcast, acho que dou mais certo com texto”.

Raissa: Bom, você produziu o quinto episódio da série, “Serendípiã – Há espaço para amizade no trabalho de campo?” [14]. Sobre o que é o seu episódio e como foi produzi-lo?

Luísa: Então, nesse rolê de escutar as entrevistas do *Mundaréu* na íntegra, eu estava tentando achar um tema legal de falar, que tivesse a ver comigo e aí eu percebi, com muita surpresa, que as pessoas falavam sobre a amizade que surgia na pesquisa de campo. Eu fiquei: “Gente! Como é que isso existe!?”. Quando a gente entra para Ciências Sociais, parece tão “eu aqui e você ali”, assim, pesquisador e objeto de estudo bem distantes, bem separados, sabe? Quando eu vi que tinha essa troca, que é uma ciência social, que não precisa replicar a metodologia da ciência natural, como uma pesquisa de laboratório e ter toda uma metodologia antes para aplicar ali, eu fiquei surpresa. É realmente diferente, sabe? A Antropologia acontece realmente porque vai fazendo adaptações durante o trabalho de campo, não vai pro campo achando que já sabe de tudo, que já tem tudo pronto antes de chegar lá, sabe? E coisas que você não espera, acontecem. Quando eu ouvi isso nas entrevistas, eu falei: “Não acredito! Que massa! Quero falar sobre isso!”. Daí veio o tema do meu episódio.

E no material do sexto episódio do *Mundaréu*, “Ideias derrubam velhos valores”, eu conheci a Clarice Rios e a Iranice do Nascimento [15]. A Clarice era da Psicologia e depois foi para a Antropologia. Ela já tinha uma pesquisa com pessoas autistas e foi conhecer a “Mão Amiga”, uma associação de mães e pais de pessoas autistas lá no Rio de Janeiro [16].

[13] Episódio 5 do *Mundaréu*, “Vozes na floresta e na universidade” (#5: VOZES..., 2020) e Episódio 6 do “Mundo na sala de aula”, “Antropologia em movimentos” (#6: MUNDO..., 2020).

[14] Episódio 5 do “Mundo na sala de aula”, “Serendípiã – Há espaço para amizade no trabalho de campo?” (#5: MUNDO..., 2020).

[15] Episódio 6 do *Mundaréu*, “Ideias derrubam velhos valores” (#6: IDEIAS..., 2020).

[16] Associação Mão Amiga (MÃO..., 2019).

Estas mães e pais compartilham entre si essa vivência, de terem filhos e filhas autistas, de como eles enfrentam muitos preconceitos por terem filhos autistas, de exclusão social e procuraram maneiras de fazer com que essas pessoas se sintam bem. Entendeu? Enfim, esse é o rolê, mais ou menos. Nossa, é perfeito o episódio delas!

E aí a Clarice conheceu a Iranice e de cara já bateu, sabe? Aí bateu o santo delas e acabaram ficando muito amigas. Então, na pesquisa dessa antropóloga, ela acompanhava os passeios que a Iranice fazia com o Paulo Igor, o filho dela. As caminhadas, os passeios nas feiras do bairro e tal, e elas iam andando e conversando sobre ele, sobre o autismo. A Nice teve o Paulo Igor numa época que não tinha internet, não tinha como você compartilhar coisas e ter acesso à informação como a gente tem hoje. Então, a Nice ia nos médicos e eles falavam assim: “Ah, mas o seu filho é autista, só que se eu te explicar, você não vai entender. Então, deixa quieto”. Os médicos falavam assim para ela, já pensou!? E ela, sozinha, foi tentando entender como era e o que ela poderia fazer para que o filho se sentisse bem, para que ele conseguisse fazer as paradas de uma forma melhor. Adaptação mesmo, sabe? Como todo mundo tem necessidades específicas, ele também tem. Então, este episódio é sobre como ela, como mãe, fez tudo isso acontecer da melhor forma possível. E aí, a Nice foi vendo isso na vida real, foi vendo como é que ela poderia fazer. Primeiro, o Paulo Igor não conseguia muito lidar com barulho, mas depois, aos poucos ele foi indo para a feira, para a rua, e foi ficando de boas, tranquilo. E a Iranice fala sobre isso, de que ela só quer que o filho tenha uma vida feliz, que não seja excluído e não seja deixado de lado pelas pessoas.

E a Clarice foi ficando muito amiga da Iranice. Depois que a pesquisa tinha terminado, elas ainda conversavam, assim, viraram realmente da rede de apoio uma da outra. A Clarice tava dando um curso na universidade e chamou a Iranice para dar uma aula sobre a vivência dela. Aí eu falei: “Caraca, gente! É sobre isso que eu queria falar!”. E aí escolhi falar sobre o tema da amizade. E eu queria falar desse meu choque que foi saber que dava para construir uma amizade no campo de pesquisa. E eu queria muito usar esse termo “serendípiã”, quer dizer, esta abertura que você tem em campo na Antropologia para não ter que ir já com coisas completamente pré-ditadas e pré-feitas. Claro, você já vai com algumas coisas em mente e tudo mais, só que você está aberta para ver o que está acontecendo na realidade, a sentir e observar. E, a partir disso, estar aberto às mudanças também, porque tem muito de querer ingressar no campo e ir com um negócio já pronto. Você tem que provar esse ou aquele fato.

Raissa: Eu também ouvi o episódio e lembro que até a Iranice falava assim: “Eu participei disso, mas também ganhei uma grande amizade”. Elas falam isso. Achei muito massa!

Luísa: Exatamente!

Raissa: E como é que foi gravar esse seu podcast? Foi a primeira vez trabalhando com isso?

Luísa: Foi a minha primeira vez. O Vinicius Fonseca, que também é aluno de Ciências Sociais, só que na Unicamp, e participava da equipe do *Mundaréu*, já manjava tudo do *Audacity*, este programa gratuito e livre que a gente usou para fazer a edição do som. E ele fez uma oficina *on-line* para ensinar a gente a mexer e foi um super adiantado.

Mas aí na hora de a gente fazer o nosso, a gente tinha que ir mexendo, fazendo, descobrindo as coisas, testando e ajudando um ao outro. Então, foi mais de boas porque teve o suporte coletivo e teve essa oficina também antes. Foi tranquilo, foi um programa até que de boas de mexer.

Raissa: Eu nunca usei o *Audacity*.

Luísa: É de boas, eu juro! Assim, é trabalhoso, não vou mentir. Porque você tem que cortar, colar, mas dá para fazer, sabe? Não é uma coisa surreal de difícil igual parece ser.

Raissa: E a pandemia afetou muito para gravar esse podcast? Teve que fazer adaptações para gravar?

Luísa: Com certeza, no estúdio ficava aquele negócio lindo, com áudio limpinho. Os primeiros episódios do *Mundaréu*, de 2019 para 2020, a equipe gravou no estúdio na Rádio da Unicamp, lá em Campinas, e no Estúdio Rastro, lá no Rio de Janeiro. Daí, quando a gente foi gravar a nossa série, “Mundo na sala de aula”, já em meados de 2020, não foi em estúdio, claro. E a casa tinha que estar silenciosa. Quando você apertava o microfone, passava a moto com o escapamento todo estourado ou a família começava a fazer barulho na sala do lado. Então, não ter som atrás foi difícil. Às vezes, ficava bom do jeito que você gravava, só que você tinha que regravar porque tinha um ruído ali atrás que estava muito alto. Eu tive que regravar uma fala várias vezes. Isso rolou. E como não dava para sair de casa, teve que gravar em casa mesmo. Esse foi um dos desafios: conseguir ter um ambiente de boas para gravar.

Raissa: Silencioso, né?

Luísa: É, isso, silencioso. Eu ficava dentro do armário, debaixo de coberta, altas ideias.

Raissa: Isso que eu ia te perguntar, eu vi umas fotos da equipe dentro do armário.

Luísa: Exatamente, eu ficava muito embaixo das cobertas, assim, várias cobertas! (risos) E ajudava mesmo, eu fiquei chocada. Faz mesmo diferença no som.

Raissa: Quando você gravou, o que foi diferente do que você esperava?

Luísa: Uma das coisas que eu achei que seria mais fácil era escrever o roteiro. Mas é um rolê você conseguir fazer as coisas conversarem e ficar tudo redondinho. Mas quanto à gravação, eu acho que foi mais tranquilo do que eu imaginava. Porque antes, quando eu não conhecia nada de podcasts, eu achava que era uma parada muito inacessível de se gravar. Aí quando eu vi que tinha um programa bom de mexer, que dá certo até para quem é leigo de internet, foi ótimo.

Raissa: Tipo eu!

Luísa: Eu também! Mas o que me pegou mais foi essa situação de ter que ficar regravando, sabe? Às vezes, eu ficava na mesma fala várias vezes. Outra coisa que pegava era a entonação, porque quando você está falando com alguém que não está ali na sua frente falando com você, é muito difícil! O objetivo final era ficar mais fluido e natural, mas eu não tinha o referencial, a minha dupla não estava ali na minha frente para saber como responder ou reagir. Aí por isso eu tinha que ficar regravando. A entonação, o jeito de falar, essas coisas.

Raissa: E você gravava sua parte sozinha, ou você e sua dupla entravam em uma videochamada e iam gravando?

Luísa: Então, a gente trabalhou separado. A gente nunca entrou em uma videochamada nem conversou para gravar como a gente tá fazendo aqui agora. Era tudo separado, por isso que era mais complicado saber como a pessoa ia perguntar e você responder, porque eu não sabia como ele ia perguntar. Por exemplo, no episódio [17] que eu fui a dupla do meu colega, Hugo Virgílio, ele me mandava antes o que ele tinha gravado e aí eu escutava para ver como ele tinha feito a pergunta e eu poderia planejar como eu responderia. Mas às vezes não saía muito natural, não é? E daí, tinha que regravar mais uma vez.

Raissa: Às vezes, tem uma frase que é: “Não é, Hugo?”. E tem que regravar e falar: “É isso mesmo!”.

Luísa: Exatamente! Era isso que a gente tentava fazer ficar natural, mas às vezes ficava muito forçado, tinha que mudar. Ou então, no início também, a gente escrevia muito formal o roteiro. Se a gente fosse falar assim, ia estar muito na cara que estava um negócio muito engessado ou que estava sendo lido a partir do texto. Foram essas as nossas adaptações também.

Raissa: E para quem tem curiosidade e nunca fez, tipo eu, como é gravar um podcast? Você acha que é muito difícil?

Luísa: Olha, eu não sei se é difícil, mas demanda uma disposição, sabe? Dá trabalho, se você quiser fazer ficar redondinho, quer que as coisas conversem entre si, ter início, meio e fim, ter nexos, dá um pouco de trabalho. Eu tive essa dificuldade de escrever o roteiro. A Soraya me ajudou muito, ela é maravilhosa, é ótima. Inclusive, eu aprendi muitas coisas em relação ao tipo de escrita, coesão, de como fazer as ideias terem sentido. Aprendi a fazer uma escrita fácil, que não precisa ser rebuscada e nem nada. Então, para mim, isso foi um rolê, escrever um roteiro. Quando você tem um roteiro, aí é muito mais de boa. Você tem essas dificuldades de regravar, mas o roteiro está ali, pronto, você já sabe o que vai falar. Aí, depois, você só vai ficar com sua parte de gravar e de editar, de pegar uma fala, cortar e colar. Eu recomendo, eu acho que se você gosta, se tem vontade de mexer com isso, não é muito surreal. É tranquilo e você fica muito orgulhoso depois! Eu falo: “Gente, é mentira que eu fiz parte disso!”. (risos)

Raissa: Olhar depois para o seu trabalho e ver que tem gente ouvindo, isso é legal!

Luísa: Exatamente! (voz bem animada) E assim, eu vejo também uma democratização do acesso ao conhecimento científico, que às vezes fica muito distante. Então, vai alcançar gente que, antes do podcast, talvez nem alcançasse, não é? Eu acho incrível! É tudo, é babado!

Raissa: E você tem alguma dica para quem quer se aventurar a começar um projeto novo na podosfera? Por exemplo, o que fazer e o que não fazer?

Luísa: Olha, eu acho que vale muito a pena, é trabalhoso, você vai ter que se aprofundar no assunto para fazer um podcast massa e diferente, que as pessoas queiram voltar para escutar mais do seu conteúdo. E no *Mundaréu*, a gente falava muito sobre isso também, que é o podcast estar se tornando mais acessível de fazer, não tem muito custo para você produzir um podcast.

[17] Episódio 1 do “Mundo na sala de aula”, “A minha casa é muito engraçada: tem antropólogos e é ocupada” (#1: MUNDO..., 2020).

Se você gosta da experiência, se você gosta das mídias e, às vezes, não consegue fazer com que o seu TCC, o seu artigo ou a sua pesquisa tenham muito sentido, eu acho que o podcast é um meio incrível para que faça sentido, tanto para a pessoa que escreve e quer divulgar quanto para as outras pessoas que ouvem e vão conhecer. Porque dá voz ao entendimento de outra forma. Fica mais acessível, acaba ficando mais do que se você estivesse ali com um texto, não é? Então, eu super recomendo para quem vai fazer. Tem essas dificuldades, que você vai passando, de gravar, ou se você é uma pessoa tímida, mas o bom é que você pode editar depois e mudar, você pode regravar e melhorar, você pode escolher músicas que você gosta para colocar no meio. Enfim, acho que tem uma liberdade muito boa, esse é um lado muito bom, de escolher as coisas. Agora, a dificuldade é ir mexendo no *software*, mas que é uma coisa que você também vai aprendendo.

Raissa: Nada é impossível.

Luísa: Nada é impossível, exatamente! Falar com quem já está fazendo e que pode te ajudar é muito importante. Você não precisa tentar fazer uma parada sozinho e pronto e acabou. Pode ser também, é uma forma, mas o que eu achei massa, principalmente nessa experiência do *Mundaréu*, foi isso: todo mundo fazia algo que estava aberto e era para todo mundo também. Então, tinha essa troca, tinha essa conversa, “Estou com uma dificuldade imensa, me ajuda?”. E aí a gente ia se ajudando, e isso eu achei muito massa também. Porque quando você vai fazer um podcast, eu acho que você não faz sozinho, não é? Você faz com mais alguém, ou uma galera ali. Então, isso é muito, muito massa! Eu super recomendo.

Raissa: Eu também acho que no Mundaréu todo mundo tenta se ajudar sempre, acho muito fofo!

Luísa: É muito bom! Tipo assim, uma coisa que a Soraya sempre falava é para a gente já utilizar a nossa energia e o nosso tempo, para a gente ir avançando junto. Projeto perfeito, você aprende muitas coisas.

Raissa: E já que você participou da produção dessa série (“Mundo na Sala de Aula”), participou de aulas, na sua opinião, quais podem ser os usos de um podcast de Antropologia?

Luísa: Olha, eu sou uma aluna que tem mais facilidade ouvindo do que lendo, por exemplo. Eu acho que se eu tivesse essa oportunidade de ter tido acesso a podcasts na sala de aula, eu teria ficado muito feliz. Então, como professora, acho que é muito massa você ter o podcast como uma das mídias alternativas para conhecimento, para você mostrar ali e as estudantes se encontrarem na mesma forma de aprender.

Além disso, eu vejo muito no mundo de hoje que o *Instagram* e o podcast estão virando ferramentas para a academia conseguir captar mais pessoas: “Olhe só, eu estudo sobre isso, quer conhecer um pouco mais?”. Porque o podcast você pode ouvir fazendo outras coisas, você não tem que estar em condições específicas. Às vezes, tem que estar para entender melhor e tudo mais, mas muitas vezes, eu escutava fazendo outras coisas, sabe? E era muito bom, conseguia acompanhar o pensamento, às vezes eu viajava.

Quando eu entrei na UnB, a minha família falava: “Está bem, você estuda Ciências Sociais, mas o que é isso?”. O *Mundaréu* foi uma forma também de trazer eles para mais perto. Então, eu acho que tem várias formas de usar, mas todas são de aproximação entre as pessoas e as informações, conhecimentos, experiências. Eu acho muito massa também porque tem podcast de tudo, você pode ouvir qualquer coisa que você quiser, não precisa ser só de conteúdo acadêmico. Pode ser um tema engraçado, de meditação. Mas em termos de Antropologia, eu acho muito massa esse propósito que o *Mundaréu* tem, de divulgação da área.

Raissa: Eu queria muito ter ouvido o *Mundaréu* quando eu estava no ensino médio, porque teria sido muito bom!

Luísa: Eu pensava muito nisso também, porque a Sociologia e as Ciências Sociais ficam muito abstratas para a gente, até depois que a gente entra na graduação. Então, ter entrado pra trabalhar na equipe do *Mundaréu* foi, inclusive, uma luz para mim. Eu vi as possibilidades que você tem dentro desse curso, dentro desses conhecimentos, porque não é muito falado para a gente, não é?

Raissa: Sim, total!

Luísa: Então, eu acho muito essencial.

Raissa: E você acha que ter participado desse projeto mudou a sua forma de enxergar o seu curso? A partir do *Mundaréu*, você vai pensar na sua graduação de outra forma?

Luísa: Nossa, com certeza! Ter conhecido as entrevistas do acervo do *Mundaréu*, ter ouvido outras antropólogas falarem sobre as suas experiências e seus trabalhos, eu mudei totalmente. Percebi que dá para ser muita coisa, dá para fazer muita coisa, não é só uma coisa ou outra, sabe? A gente tem muitas opções, e dá para se relacionar também de muitas formas com as pessoas em nossas pesquisas. E, no episódio da Clarice Rios, eu me interessei muito também porque eu tenho muita vontade de estudar mais Psicologia e pude ver que existe a Antropologia Psicológica, eu já fiquei: “Perfeito, é muito chique! Abarca tudo!”. Então, assim, quem participou do *Mundaréu* vai com outra visão de curso para a vida, porque a gente tem acesso a experiências de pessoas da área, e isso não é mostrado para a gente no curso. Fica muito raso e superficial o campo de possibilidades no mercado de trabalho. E o *Mundaréu* sabe mostrar isso bem, com várias antropólogas e suas trajetórias.

Raissa: E, por fim, a minha última pergunta: o que você diria para as pessoas que têm vontade de ingressar na equipe do *Mundaréu*?

Luísa: Eu diria: “Se joga também!”. Porque é incrível, é um projeto maravilhoso. Assim, me deu outra visão do curso, da vida, das coisas. É esse acesso a outras experiências que te fazem sonhar mais, ver outros caminhos, ver que as Ciências Sociais e a Antropologia têm muito potencial para o que você quiser fazer. Quando eu entrei no curso, eu ouvia assim: ou você vai para a Licenciatura ou você faz um concurso público. E, hoje em dia, eu vejo que não, eu vejo que posso procurar oportunidades na minha área, encontrar coisas que eu possa trabalhar já mesmo na área. Aí encontrei a Antropologia do design, posso conhecer a experiência dos usuários e a gente nunca imagina que isso tem a ver com Antropologia, né? Mas tem e, inclusive, ter entrado

no *Mundaréu* fez com que eu conseguisse ter essa visão hoje, de como pesquisa e mercado de trabalho podem se ajudar. Então, assim, foi perfeito. Entrem, sério, um projeto assim muda as coisas nas nossas vidas! (risos)

Raissa: Você é muito fofa!

Luísa: Ai, amiga, muito obrigada. Estava nervosa aqui, pensando que eu falo muito. Desculpa! E esse tanto de “tudo”, “babado”, “parada”, “galera” que eu uso para falar? (risos)

Raissa: Foi muito legal, muito obrigada pela entrevista. Deixe-me parar aqui a gravação.

Luísa: Beleza! Valeu muito!

Referências

#1: MUNDO na sala de aula: A minha casa é muito engraçada: tem antropólogos e é ocupada. In: MUNDARÉU: podcast sobre antropologia. Campinas, 16 ago. 2020. Disponível em: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/1-mundo-na-sala-de-aula-a-minha-casa-e-muito-engracada-tem-antropologos-e-e-ocupada/>. Acesso em: 27 out. 2021.

#5: MUNDO na sala de aula: Serendípia: Há espaço para amizade no trabalho de campo? In: MUNDARÉU: podcast sobre antropologia. Campinas, 13 set. 2020. Disponível em: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/5-mundo-na-sala-de-aula-serendipia-ha-espaco-para-amizade-no-trabalho-de-campo/>. Acesso em: 27 out. 2021.

#5: VOZES na floresta e na universidade. In: MUNDARÉU: podcast sobre antropologia. Campinas, 10 abr. 2020. Disponível em: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/5-vozes-na-floresta-e-na-universidade/>. Acesso em: 26 out. 2021.

#6: IDEIAS derrubam velhos valores. In: MUNDARÉU: podcast sobre antropologia. Campinas, 11 maio 2020. Disponível em: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/6-ideias-derrubam-velhos-valores/>. Acesso em: 26 out. 2021.

#6: MUNDO na sala de aula: Antropologia em movimentos. In: MUNDARÉU: podcast sobre antropologia. Campinas, 20 set. 2020. Disponível em: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/6-mundo-na-sala-de-aula-antropologia-em-movimentos/>. Acesso em: 26 out. 2021.

ALERTA: CASO/UnB. Brasília, DF, [2021]. Facebook: @casoalerta. Disponível em: <https://www.facebook.com/casoalerta/>. Acesso em: 26 out. 2021.

CENTENÁRIO de Paulo Freire: DEX divulga edital da Semana Universitária 2021. In: UNB decanato de extensão. Brasília, DF, 2021. Disponível em: <http://www.dex.unb.br/semanauniversitariaunb>. Acesso em: 26 out. 2021.

DAVIS, Angela. *Estarão as prisões obsoletas?* São Paulo: Bertrand Brasil, 2018.

DESPERTAR Zen. [Locução de]: Monja Coen. [S. l.: 2021]. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0CcR9PFfGyQylzL4bC7ayH>. Acesso em: 26 out. 2021.

ILUSTRÍSSIMA conversa. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/ilustrissima-conversa/>. Acesso em: 26 out. 2021.

MÃO amiga: bem viver com autismo. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.maoamiga.org/>. Acesso em: 27 out. 2021.

MUNDARÉU: podcast de antropologia. Campinas, [2021]. Disponível em: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/>. Acesso em: 26 out. 2021.

MUNDO CM. Brasília, DF, [2021]. Facebook: @MundoCMB. Disponível em: <https://www.facebook.com/MundoCMB/>. Acesso em: 26 out. 2021.

MUNDO na sala de aula: primeira temporada. In: MUNDARÉU: podcast sobre antropologia. Campinas, [2021]. Disponível em: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/series/mundo-na-sala-da-aula/>. Acesso em: 26 out. 2021.

